A história se encontra nos 435 anos de Salvador

Texto de Alexandre Ferraz — Fotos de Carlos Santana

De braços dados, Pedro Calmon, Cid Teixeira, Thales de Azevedo e Hildegardes Viana uniram-se num apelo comum pela preservação do patrimônio baiano.

Como será que algumas das maiores autoridades em História da Bahia — e do Brasil — estão vendo a atual situação do centro histórico de Salvador, como também a degradação que vem sofrendo o patrimônio artístico e cultural baiano, ultimamente vilipendiado por seguidos furtos de imagens sacras e até de pedaços ou partes de monumentos? Para responder a esta pergunta, A TARDE reuniu, no último sábado, os professores e historiadores Pedro Calmon, Thales de Azevedo, Cid Teixeira, Godofredo Filho e Hildegardes Viana. O repórter Alexandre Ferraz e o fotógrafo Carlos Santana acompanharam o grupo numa visita ao centro histórico da cidade, que hoje completa 435 anos de fundada. Os "visitantes", embora por demais familiarizados com a história da cidade e seus monumentos, não puderam conter sua admiração diante de certas belezas, como também não tiveram como esconder sua indignação diante da situação do abandono que atinge parte do patrimônio arquitetônico e artístico baiano. A seguir, o repórter narra a experiência.

Tínhamos acabado de observar, deleitados, o belíssimo lavabo em mármore e madeira talhada, datado de fins do século XVII, que se encontra no interior da não menos bela sacristia da Igreja do Carmo, toda decorada em ouro. Já nos encaminhávamos para a saída, quando, de repente, um detalhe chamou a atenção de Cid Teixeira. Ele cutucou meu ombro, aproximou-se do meu ouvido e segredou:

— Veja, bem ali, mais um caso típico do **living**!

O professor apontava para uma marca, no lado direito do lavabo, que indicava ter sido retirada dali, não há muito tempo, uma das peças de madeira talhada. Ao referir-se ao **living**, Cid Teixeira reportava a uma observação que fizera anteriormente, ou seja, de que as peças de valor artístico e histórico que desaparecem dos museus, igrejas etc. de Salvador, invariavelmente podem ser encontradas em **livings** de residências ou apartamentos de alto luxo da cidade.

No início do nosso passeio — quando, dentro do carro da reportagem, servia como cicerone deste **tour** — Cid Teixeira falava, enquanto tentávamos vencer o engarrafamento da Rua da Ajuda, debaixo de muita chuva, para chegar ao Terreiro:

— O que me apavora é saber que esses furtos de imagens são patrocinados por pessoas que pertencem ao meio cultural. Pessoas que sabem muito bem a importância das peças e que, inclusive, vivem defendendo a preservação do patrimônio da cidade. O ladrão que rouba peças de arte, sabe muito bem que tem um mercado garantido. As imagens recentemente roubadas na Casa da Torre, por exemplo, muito provavelmente se encontram, agora, no **living** de algum ricaço.

Apesar de sua notória indignação, Cid Teixeira pilheriou:

— É, não sei se você sabe, mas o baiano morre em inglês com recheio de barroco. Sim, pois ao entrar em casa ele passa pelo **playground**, depois pelo **living** e toma um refrescante banho no **box**. Mas a decoração, em casa de gente fina, tem que ser na base do barroco autêntico...

E, enquanto providenciávamos um local onde pudéssemos sentar e conversar enquanto aguardávamos passar a chuva, Pedro Calmon, Hildegardes Viana e Thales de Azevedo comentavam e elogiavam a reforma sofrida pelo Convento do Carmo a fim de abrigar a pousada. Todos concordaram que "ficou muito boa", observando, apenas, alguns detalhes que destoaram da arquitetura original, como as janelas de esquadrias de alumínio, mas concordaram que se tratava de uma questão de funcionalidade.

O professor Godofredo Filho, a propósito das mudanças sofridas pelo Convento do Carmo para a adaptação, disse que "esta foi uma das mais prósperas ordens religiosas que já houve na Bahia. Porém, sofreu grande decadência e seus membros, bastante reduzidos numericamente, perderam todas as condições de manter a conservação do prédio".

O Museu do Carmo foi um dos pontos visitados pelos historiadores

— Sem dúvida — concordou Hildegardes Viana. Os ricaços europeus, por exemplo, acabaram por vender seus palácios, simplesmente porque não podiam conservá-los. Além disso, há a questão da funcionalidade, pois essas construções antigas não oferecem conforto nenhum.

A esta altura, Thales de Azevedo interveio:

— É bom lembrarmos, também, que a deterioração, na maioria das vezes, chega a tal ponto que a recuperação torna-se extremamente cara.

Na opinião de Godofredo Filho, é praticamente impossível realizar-se a recuperação de um imóvel antigo sem o sacrifício de certas características. Perguntei-lhe, então, o que fazer. E ele respondeu:

— Devemos lutar para reduzir ao mínimo possível essas mudanças. No caso de hotéis, por exemplo, tem de ser feita a adaptação de ar condicionado, refeitórios etc. Em Portugal e na Espanha freqüentemente se faz isso, de maneira muito bem feita, aliás.

RUÍNAS CONSERVADAS

O professor Pedro Calmon, a esta altura da conversa, manifestou-se francamente favorável a adaptações e, depois de observar detalhadamente as instalações da Pousada do Carmo, disse:

— Preconizo a recuperação da Torre Garcia D'Ávila em forma de pousada...

— E assim está sendo feito, interveio Cid Teixeira.

— Quanto ao Garcia D'Ávila, à torre, especificamente, eu discordo — disse, por seu turno, Godofredo Filho. Acho que o monumento chegou a tal estado de ruína que sua recuperação seria dificílima, inclusive porque não se dispõe de planta, através da qual poderiam ser seguidas as características originais. Sou a favor de que se recupere o que for recuperável e de que se mantenham as ruínas conservadas, mas sempre como ruínas.

Passada a chuva, prosseguimos o passeio. Caminhávamos pela Rua do Carmo, quando Pedro Calmon observou que o local permanece muito bem conservado. E, aí, ele concordou plenamente com as considerações feitas por Cid Teixeira, de que é necessário dar um uso, manter a vitalidade dos imóveis recuperados.

É baixíssimo o índice de comercialização desses imóveis, aqui na região do

ESQUADRIAS E ALUMÍNIO

A primeira idéia, diante da forte chuva que caía, foi a de irmos a um local fechado, onde aguardaríamos passar o aguaceiro. Assim, dirigimo-nos para o Solar do Ferrão. Passava das 10 horas, mas o local estava inexpugnavelmente fechado. O professor Cid meneou a cabeça, incrédulo, e seguimos adiante.

Paramos, finalmente, na Pousada do Carmo. Aí, o primeiro comentário foi do professor Pedro Calmon:

— É a primeira vez que entro aqui, sabe?

Diante do conjunto arquitetônico do Pelourinho muitas observações sobre o que poderá ser patrimônio da humanidade.

— Sem dúvida — concordou Hildegardes Viana. Os ricaços europeus, por exemplo, acabaram por vender seus palácios, simplesmente porque não podiam conservá-los. Além disso, há a questão da funcionalidade, pois essas construções antigas não oferecem conforto nenhum.

A esta altura, Thales de Azevedo interveio:

— É bom lembrarmos, também, que a deterioração, na maioria das vezes, chega a tal ponto que a recuperação torna-se extremamente cara.

Na opinião de Godofredo Filho, é praticamente impossível realizar-se a recuperação de um imóvel antigo sem o sacrifício de certas características. Perguntei-lhe, então, o que fazer. E ele respondeu:

— Devemos lutar para reduzir ao mínimo possível essas mudanças. No caso de hotéis, por exemplo, tem de ser feita a adaptação de ar condicionado, refeitórios etc. Em Portugal e na Espanha freqüentemente se faz isso, de maneira muito bem feita, aliás.

RUÍNAS CONSERVADAS

O professor Pedro Calmon, a esta altura da conversa, manifestou-se francamente favorável a adaptações e, depois de observar detalhadamente as instalações da Pousada do Carmo, disse:

— Preconizo a recuperação da Torre Garcia D'Ávila em forma de pousada...

— E assim está sendo feito, interveio Cid Teixeira.

— Quanto ao Garcia D'Ávila, à torre, especificamente, eu discordo — disse, por seu turno, Godofredo Filho. Acho que o monumento chegou a tal estado de ruína que sua recuperação seria dificílima, inclusive porque não se dispõe de planta, através da qual poderiam ser seguidas as características originais. Sou a favor de que se recupere o que for recuperável e de que se mantenham as ruínas conservadas, mas sempre como ruínas.

Passada a chuva, prosseguimos o passeio. Caminhávamos pela Rua do Carmo, quando Pedro Calmon observou que o local permanece muito bem conservado. E, aí, ele concordou plenamente com as considerações feitas por Cid Teixeira, de que é necessário dar um uso, manter a vitalidade dos imóveis recuperados.

É baixíssimo o índice de comercialização desses imóveis, aqui na região do

Barão de Cotelipe, Cid explicou, então, que o barão foi famoso por sua maldade:

— Elejogava escravos na fornalha...

Subimos as escadas e paramos, todos, diante do retrato do barão. Um minuto de silêncio e muita observação. De repente, Hildegardes Viana disse:

— Incrível! Incredibilável a semelhança física dele com uma sua descendente que conheço. Impressionante!

Continuamos a visita ao museu e, guiados pelo frei Eliseu, paramos diante de uma partitura sacra do fim do século XVIII. O frei explicou, então, satisfazendo a curiosidade de Pedro Calmon e Thales de Azevedo, a razão de a peça estar forrada com plástico. Segundo ele, os visitantes do museu — "o povo é incrível..." — não resistiam e sempre pegavam na partitura, o que acabou produzindo alguns rasgões.

Da sala que abriga a belíssima coleção de pratos, descortina-se uma ampla vista do Pelourinho. Godofredo Filho faz, então, um comentário que obtém concordância geral:

— Acho que se deve evitar a diluição de recursos e trabalho, concentrando as atenções basicamente no centro histórico.

Na descida das escadarias, já saindo do museu, salta aos olhos a precariedade das instalações elétricas: um emontoado de fios, num canto da parede, chega a ser ameaçador. Chamo a atenção de Cid Teixeira e ele comenta:

— Quando vem um incêndio e queima tudo, dizem que é fatalidade. Fatalidade coisa nenhuma...

E Cid, braços dados com Pedro Calmon, caminha um pouco pela Rua Alfredo Brito e aponta para um casarão pintado de colr-de-rosa, onde várias pessoas aparecem nas sacadas, curiosas:

— É esta aí. É está bem conservada, não?

MORREU DE GENTILEZA

Durante o passeio, quando puxei conversa sobre os furtos de imagens, todos mostraram, imediatamente, sua indignação. Na opinião de Pedro Calmon, "deveria haver uma lei rígida acerca do comércio de imagens, objetos valiosos, relíquias. Nunca uma peça deste tipo poderia ser comprada sem que o adquirente soubesse exatamente sua procedência, a identidade de quem está vendendo, sob pena de estar agindo como um receptador".

De qualquer forma, todos concordaram que está havendo uma mudança de mentalidade em relação ao valor dos monumentos históricos e arquitetônicos". Disse Pedro Calmon, por exemplo, que "já ocorre uma certa conscientização coletiva diante de demolição de um monumento desses".

E Cid Teixeira lembrou que muito do que foi destruído, desde há séculos, veio abaixo com a conivência e, mais que isso, como resultado das reivindicações de muita gente importante:

— Houve pessoas que acreditavam, realmente, que o progresso deveria ganhar o lugar de muitos monumentos e casarões. Tenho uma coleção de recortes de jornais

Santo Antônio — observou Cid. E isso significa que as pessoas que moram nelas os cuidam com vivo interesse, pois, ou são suas moradas, ou então, suas casas de comércio.

Observou, então, Pedro Calmon, que apenas as casas de números 24 e 28 da Rua do Carmo destoam do conjunto, pois suas fachadas foram modernizadas.

ESCRAVOS NA FORNALHA

Ao entrarmos no Museu do Carmo, Pedro Calmon foi logo diagnosticando a decoração da sala de entrada:

— São azulejos dos fins do século XVIII, mais exatamente por volta de 1790, 1800. Que beleza isso aqui! E, dirigindo-se ao frei Eliseu Vieira Guedes, que vem nos receber: como vai o arquivo dos Srs.?

O frei respondeu que tudo estava sendo cuidado dentro das possibilidades do museu, e Pedro Calmon manifestou a vontade de conhecer o retrato pintado do

ENTRIGUE ÀS BARATAS

Na descida rumo ao Pelourinho, logo após a curveda Rua do Passo, muitos comentários o grupo. Observa-se que a Rua do Pas está muito agredida, com "casas lindasogadas às baratas".

— Observe aí, bem na sua frente — disse-me Cid Teixeira —. Está vendo aquela ruína à esquina do Tabolão com a Rua do Carm. Pois bem. Por incrível que pareça, aquela casa é da Prefeitura. A própria Prefeitura deixou cair e chegar a este estado.

No Pelourinho, visitamos o museu das Portas do Cmo, onde é conservado o resto de umantiga muralha — datada de 1640/50. Após esta visita ao museu, partimos para Largo do Pelourinho, onde Pedro Calmo chama Cid Teixeira, inssistentemente:

— Cid, eero ver a casa de Joaquim Pires de Castro Albuquerque. Vamos, mostre-me.

onde muita gente boa defende as demolições. Há, por exemplo, uma exposição de motivos de Americano da Costa defendendo a derrubada da Sé.

Hildegardes Viana, por sua vez, observou:

— Houve uma época que quem tinha móveis antigos queria vender aquela "coisa velha", "antiga", trocando-a pelo moderno, pelo funcional. Felizmente esta mentalidade mudou bastante.

Finalmente, à uma observação de Hildegardes Viana sobre o fato de o Pilar "praticamente ter desaparecido", Cid Teixeira encerrou o passeio com um momento de humor:

— No Beco do Arcebispo houve talvez a única morte por gentileza que se tem notícia na Bahia. Leopoldino Antônio de Freitas Tantu desceu as escadas da Escola Normal e, ao ceder a parte mais larga da escadaria para a passagem de uma professora, escorregou, caiu e morreu. Morreu de gentileza.

Na Sacristia do Convento do Carmo, acólo de frei Eliseu Vieira Guedes, convivendo com o século XVIII, de ondrovém a maioria de suas peças.